

UMA COMÉDIA DE QUINHENTOS

(Adaptação da comédia "OS VILHALPANDOS"
de Sá de Miranda)

Miguel Rovisco

1986

389

DGE

PERSONAGENS

Pompônio, velho
Fausta, sua esposa
Cesário, seu filho
Mário, velho
Hipólita, sua filha
Guiscarda, velha estrangeira
Aurélia, sua filha
Milvo, alcoviteiro
Antonioto, criado de Cesário
Fabiano, amigo de Cesário
Vilhalpando, primeiro
Vilhalpando, segundo
Um falso ermitão
Um pajem
Cinco vizinhas

Numa cidade do século XVI:

Uma praça com três casa: a da direita, de Mário; a do centro, de Pompônio;
a da esquerda, com flores às janelas e um papagaio, de Guiscarda.
Ao meio da praça, uma estátua rodeada de alguns bancos de pedra.

PRIMEIRO ACTO

CENA I

Manhã.

Na casa de Guiscarda abre-se uma janela do primeiro andar;
pelas cortinas surgem uns braços nus de mulher.

Voz de Aurélia (Acariciando o papagaio.) Meus olhos, olhinhos...

Papagaio - Olhinhos...

Voz de Aurélia (Começando-se a ver o perfil.) Minha alma...

Papagaio - Minha alma...

Aurelia (Ainda com o rosto meio tapado pelas cortinas, cantarola distraidamente.) "Papagaio louro de bico dourado..." - minha vida !

Papagaio - Minha vida !

Aurelia (Pondo a cabeça de fora, espreita rapidamente para a praça deserta. Com desespero.) E dele, nada !

Papagaio (Chamando.) Meu amor, ó meu amor !

Aurelia (Aflita.) Caluda !

Voz de Guiscarda (Autoritária.) Aurélia !

Aurelia - Minha mãe ! (Fecha a janela com rapidez.)

Logo a janela se torna a abrir.

Voz de Guiscarda (De mau humor, pegando na ave.) ... guisá-lo com batatas !!

Papagaio (Debatendo-se.) Aurélia !

Voz de Guiscarda - E das suas penas farei uma rica almofada para os pés.

Voz de Aurelia - Minha mãe !

Papagaio - Aurélia !

Voz de Guiscarda - Bico calado os dois !

A janela fecha-se com estrondo.

CENA II

Mário, tendo saído de sua casa a meio da cena anterior,
abana melancolicamente a cabeça.

Mário - Se eu fosse jovem, como interpretaria a cena que presenciei ? Apaixonar-me-ia pela cortesã de olhos rendados por trás das cortinas, acudindo em defesa do papagaio ? Se apuro o nariz, já pressinto um cheirinho a refogado... Que ânsias de excluir: "Amigo, aguarda que me torne a vida !" (Pausa breve.) Ah se eu fosse jovem, não me poria a interpretar os segredos de uma janela ! (Dirige-se para a casa do centro. Vai a bater à porta, quando sai Pompónio.)

Pompónio (Com aspecto doente, apoiando-se a uma bengala.) Boa seja a vinda, Mário, que ia em tua busca.

Mário - Ó Pompónio, e eu na tua, que me informaram quando regressei que estavas na cama doente.

Pompónio - Não te enganaram. Contudo, soube que tinhas regressado e arranjei forças para me levantar. (Com um gesto amplo de bengala.) Como corre o mundo ?

Mario - Se ele já recua apenas !

Pomponio - Estou em crer que o melhor de uma viagem será o regresso: a consciência tranquila de que se viajou em vão.

Mario (Olhando para a janela onde esteve o papagaio.) As maiores aventuras do destino passam-se defronte da nossa casa e nós ignoramo-las ! (Pausa.) Tu de bengala, Pompónio: como te sentes ?

Pomponio - Fraco, principalmente das pernas.

Mario - Fizeste mal em te levatares: corpo enfermo não se quer pelas ruas.

Pomponio - Sim, mas também o espírito cansado quer-se ao fresco da manhã.

Caminham lentamente.

Mario - Que mal foi o teu ?

Pomponio - Ao princípio ignorava de que doença se tratasse: temia o pior... Porém, logo os médicos em conselho lhe atribuíram um nome - um nome é uma grande coisa ! "Ah, é então disso que eu sofro ?" E "isso", a doença gravíssima, tornou-se-me tão familiar como uma chinela de quarto. O poder de uma palavra: não assusta, seduz. Nem remédios, beberagens, quais sangrias - bom médico é aquele que sabe nomear com exactidão.

Mario - De facto, nada como um doutor à nossa cabeceira para ficarmos seguros de que morremos cheios de possibilidades de cura !

Sentam-se nos bancos.

Pomponio - O resto veio por si; deixei-me ir devagarinho com boa alimentação, espreitando a natureza.

Mario - "Espreitando" ? Não se olha para ela cara a cara ? O céu lá em cima, eu cá em baixo - abro os olhos, ei-lo e pronto !

Pomponio - Mas fica-te mais azul e pessoal quando por entre as nuvens o espreitas de relance.

Mario - Tanta filosofia apoiada a uma bengala - um mais um igual a dois: o sábio que a possui não é feliz. (Apontando para a testa de Pomponio.) Há demasiadas nuvens nesse céu.

Pomponio - Negras.

Mario - Bem o adivinhava !

Pomponio - Duma negrura !

Mario - Não me permitirás uma espreitadela ?

Pomponio (Limando as lágrimas que lhe subiram aos olhos.) Que farei, se não tenho descanso ?

Mario - Preza sobretudo a saúde e não te mates por ninguém. Bem sabes: o luto dos herdeiros esconde o riso do prazer.

Pomponio - Ouve-me e depois me aconselharás.

Mario - Chovam as tuas palavras no ombro do amigo.

Pomponio - Deves-te lembrar do que falámos antes da tua viagem sobre os nossos filhos.

Mario - Não são tais assuntos para esquecer.

Pomponio - Ficou assente que o meu Cesário casaria com a tua Hipólita. Uma festa para as nossas casas ! Depois tu ausentaste-te e eu adoeci: eu de cama, tu longe - ficou-me o filho à solta pela cidade... Para quê explicar mais ? Um mais um igual a dois.

Mario (Desconfiado.) O demónio !

Pomponio - Uma demónia.

Mario (Erguendo-se.) Nesse caso, um mais um igual a três !

Pomponio (Apontando com a bengala para a casa de Guiscarda.) Veio morar para a nossa praça uma velha estrangeira, com uma filha...

Mario - Naquela casa ?

Pomponio - ... duma formosura aritmética !

Mario (Despeitado.) Ponde-me bastante sal no papagaio ! Carregai-lhe com o tempero, que eu lhe hei-de chupar os ossos e molhar o pão no molho !

Pomponio - A culpa não terá sido toda do meu Cesário, que é bom moço...

Mario - E eu com dó do animal: o heroísmo disparatado que a minha juventude cometeria !

Pomponio (Continuando.) A filha da estrangeira, se tu soubesses com que artes o atraiu...

Mario - Rico cheiro a refogado tempera-me os pulmões !

Pomponio - De início tudo aparentava virtude naquela casa...

Mario - Não te cheira bem ?

Pomponio (Erguendo-se.) Estaremos os dois a falar do mesmo assunto ?

Mario - Do mesmíssimo, eu e tu: como dois papagaios !

Pomponio - Ora, enquanto Deus me dá tempo, eu não queria perder o meu filho: aquelas estrangeiras são hoje a perdição dos jovens da nossa cidade e das suas fazendas. Depois de muito meditar, conclui que o melhor é que se faça depressa o casamento combinado. Virão os netos...

Mario - Já aí chegámos ?

Pomponio - Bom Mário, os azares da vida privaram-te de um filho: no marido de Hipólita é como se o ~~casado~~ reencontrasses. Quanto a Cesário, em vez de um pai terá dois.

Mário - Antes, a meu parecer, em vez de uma fazenda meter-lhe-íamos duas nas mãos, para que elas destruísse no estômago daquela casa.

Pomponio - Não, se aproveitarmos o tempo. Dou-te conta do sucedido: a estrangeira mãe e a estrangeira filha fizeram uma grande ofensa ao rapaz, de que ele está indignado extremamente.

Mario - Há quanto tempo, essa ofensa ?

Pomponio - Bom... a noite passada.

Mario - Passará depressa ! O coração de um homem logo desculpa defeitos e traições à mulher que ama: o sol do dia de hoje não se há-de pôr sobre a sua ira. Uma esposa honesta é raramente apreciada - a mulher dos outros, paga com a bolsa, mesmo que cheire a suor... quanta graça no contraste, mais a verruga no queixinho !

Pomponio - Enfim, que conselho me ofereces ?

Mario - O casamento é a maior coisa que um homem faz em toda a vida - isso e guisar papagaios indiscretos. Não me interrompas: aguentemos assim alguns dias, para ver se o teu filho se emenda ou se a língua lhe sai escaldada. As coisas do amor não querem força, que